

## SIMPÓSIO TEMÁTICO 14:

Sintaxe do português em uso

**Coordenadoras:** Edila Vianna da Silva (UFRJ) e Nilza Barrozo Dias (UFF)

### A escolaridade e a regra variável de concordância verbal na língua portuguesa em dados de fala e escrita de menores carentes de Maceió

Autores: Renata Lívia de Araújo Santos <sup>1</sup>

Instituição: <sup>1</sup> UFRPE/UAST - Universidade Federal Rural de Pernambuco

**Resumo:** Estudos sociolinguísticos evidenciam um uso variável da língua portuguesa. Esse processo variável pelo qual a língua passa ocorre devido à característica intrínseca, isto é, a língua é considerada como um sistema intrinsecamente heterogêneo. Além dessa característica, esse sistema passa por influências de fatores estruturais e sociais. Esse comportamento variável da língua se apresenta nas suas duas modalidades, tanto na língua falada quanto na escrita. Este trabalho pretende observar o comportamento variável da concordância verbal na língua usada por menores carentes de entidades filantrópicas da cidade de Maceió, seguindo a fundamentação teórico-metodológica da Sociolinguística Variacionista, de Labov (2008 [1972]). Alguns objetivos foram traçados: (i) verificar qual é a variante mais usada na escrita de crianças e adolescentes que vivem em instituições filantrópicas; (ii) verificar quais as variáveis linguísticas e extralinguísticas que condicionam essa variação, identificando os fatores que levam mais ao uso da presença de marcas de concordância verbal; (iii) observar se a escolaridade é uma variável significativa para o uso dessa variação; e (iv) verificar se há mais semelhanças ou diferenças no uso dessa variação entre os dados de fala e os de escrita dessa comunidade. As produções escritas de dezesseis informantes, que foram selecionados de forma aleatório-estratificada, constituem o corpus deste trabalho. Utilizou-se o programa computacional Goldvarb X para que a análise quantitativa dos dados fosse realizada. Feita a análise dos dados, verificou-se que (i) a variante mais usada é [-conc]; (ii) a variação em estudo é motivada pelos grupos de fatores: escolaridade, distância entre sujeito e verbo, natureza do sujeito e paralelismo formal; (iii) a variável extralinguística 'escolaridade' foi a variável mais relevante para o uso da alternância em estudo; e que (iv) há mais semelhanças do que diferenças no uso dessa variação entre os dados de fala e os de escrita.

**Palavras-chave:** concordância verbal, escolaridade, variação linguística

### A esquematização da construção completiva subjetiva

Autores: Nilza Barrozo Dias <sup>1</sup>

Instituição: <sup>1</sup> UFF - Universidade Federal Fluminense

**Resumo:** Com base na proposta Funcionalista e com a contribuição da Semântica Cognitiva, este trabalho objetiva apresentar a esquematização da construção completiva subjetiva, que se realiza, sintaticamente, como oração matriz + oração completiva com função de sujeito. A oração matriz (ou oração principal), além de selecionar um argumento oracional, instancia a subjetividade do falante em relação ao evento expresso na oração completiva subjetiva. A estrutura morfossintática unipessoal, quase categórica, de verbo ser na 3ª. pessoa do singular da oração matriz, mais adjetivo, auxilia a leitura semântica de impessoalidade e de generalidade. A posição da oração matriz, no início da construção, projeta a posição do falante através de adjetivos deônticos, epistêmicos e avaliativos, em relação ao evento que ocorre sob a forma de oração completiva. A análise dos contextos que nos levem a considerar a esquematização (nos termos de (Bybee, 2011) e de (Traugott & Trousdale, 2013) de construções completivas subjetivas terá como apoio, para a construção de rede, análises de amostras pancrônicas, em pares opostos de identificação das orações matrizes: é possível/ não é possível/ é impossível; é óbvio/não é óbvio; é bom/não é bom/é ruim; é justo/não é justo/é injusto. Os resultados parciais obtidos mostram que algumas construções completivas subjetivas avaliativas apresentam composicionalidade e produtividade medianas (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013; BYBEE, 2011).

**Palavras-chave:** completiva, subjetiva, esquematização

## A hipotatização nas articulações por justaposição e o plano discursivo no romance de folheto de Leandro Gomes de Barros

Autores: Marcelo da Silva Amorim <sup>1</sup>

Instituição: <sup>1</sup> UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte

**Resumo:** Neste trabalho, apresentam-se os resultados parciais do mapeamento do plano discursivo em cinco romances de folhetos — contendo mais de 4.000 versos no total, de autoria do cordelista paraibano Leandro Gomes de Barros (1865-1918) — a que procedemos durante nossa pesquisa de estágio pós-doutoral. Dentre as formas utilizadas pelo poeta para orientar seu leitor/ouvinte quanto aos graus de centralidade (figura) e periféricidade (fundo) dos enunciados em seus textos, um significativo percentual (cerca de 10%) realiza-se por articulações hipotatizáveis de cláusulas justapostas, ou seja, o acoplamento entre elas não é mediado por juntores segmentais ou operadores discursivos explícitos. Nosso objetivo, dessa forma, é comprovar que tal tipo de codificação — reflexo, entre outros fatores, das restrições impostas pelas configurações formais do gênero — abre um espaço de maior subjetividade na narrativa, no qual o ouvinte/leitor poderá participar como interlocutor, contribuindo efetivamente na construção de sentidos nos poemas, segundo sua própria capacidade e modo de preencher (ou não) a lacuna deixada pela ausência do elo lógico-semântico interclausular. A aparente complexificação instaurada por uma possível leitura hipotática efetuada a partir de articulações por justaposição, ademais, constitui uma ímpar oportunidade de trabalho em sala de aula, já que o público poderá atribuir funções circunstanciais/hierárquicas a formas que, no mais das vezes, sugere uma compreensão tão-somente paratática e, portanto, paritária. Teoricamente, assentamos nossas reflexões sobre trabalhos de abordagem funcionalista como os de Hopper e Thompson (1980); Hopper e Traugott (2002); Haiman (1983); Givón (1979); Longhin-Thomazi (2011); Decat (2001); Rodrigues (2013), dentre vários outros.

**Palavras-chave:** romance de folheto, justaposição, plano discursivo, funcionalismo linguístico

## A influência da oralidade na estruturação textual de produções escolares no português brasileiro

Autores: Maria Cristina Rigoni Costa <sup>1</sup>

Instituição: <sup>1</sup> UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

**Resumo:** O foco deste estudo é a análise da organização textual-discursiva de redações escolares de base argumentativa com o objetivo de identificar problemas de coerência provocados por transposição de traços da oralidade e por dificuldades na textualização de relações semântico-discursivas, assim como na operação de processos de encaixamento necessários à elaboração de períodos complexos. Tomou-se como parâmetro a expectativa da utilização das marcas linguísticas próprias da estruturação argumentativa, de acordo com as exigências da interação comunicativa e do contexto situacional, com foco nos procedimentos de referenciação e nos processos de encadeamento textual para a expressão de relações lógico-discursivas, tomando como base pressupostos funcionalistas e sociointeracionistas. O corpus do estudo abrange 137 redações de alunos do ensino médio na rede pública de ensino. Para a comparação com procedimentos próprios da oralidade, foram utilizados, como parâmetros, estudos sobre as características do português falado no Brasil. Tendo em vista as características da oralidade, observou-se que os textos dos alunos apresentam vários traços da simplificação evidente que se dá em relação ao padrão escrito: a) redução drástica de estruturas subordinadas, ao lado do aumento na frequência de estruturas coordenadas e absolutas; b) redução no uso de conectores para expressar relações lógicas essenciais à construção do texto, substituídas pela exigência de inferência por parte do interlocutor para suprir a sua ausência; c) redução do uso do subjuntivo, ao lado da ampliação do uso do indicativo combinado a estruturas frasais coordenadas ou absolutas; d) empobrecimento do processo de referenciação, com a repetição exaustiva de pronomes ou nomes; e) simplificação extrema da marcação da categoria tempo na morfologia verbal; f) dificuldades no domínio de vocabulário mais abstrato e de maior complexidade, essencial ao desenvolvimento do processo argumentativo.

**Palavras-chave:** ensino da língua portuguesa, oralidade, procedimentos de estruturação textual, referenciação

## A relação entre a origem latina de querer e a volição expressa por este verbo

Autores: Fernanda Cunha Sousa <sup>1</sup>

Instituição: <sup>1</sup> UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora

**Resumo:** “Querer”, volitivo prototípico em português, tem origem no verbo latino quaero, que podia representar os sentidos de “buscar, procurar, andar a cata de, aspirar a, desejar” (SARAIVA, 2006, p. 988). Mas o contato com textos latinos e suas traduções aponta para a preferência para expressar esse campo semântico no latim clássico pelo verbo uolo, que pode significar “querer, consentir [...] desejar, ter tenção de [...] ...” (p. 1288), apontado comumente como um dos uerba uoluntatis, ao contrário de quaero. Pretendemos, portanto, investigar se quaero teria sofrido alguma mudança de uso ao longo do tempo e o que teria feito com que uolo desaparecesse e quaero o suplantasse na passagem do latim para o português a partir da perspectiva da linguística de cunho funcionalista. Por essa razão, nossas análises são pautadas nos usos encontrados. Após uma revisão bibliográfica, na qual buscamos informações sobre o verbo quaero ao longo da história da língua latina, analisaremos as ocorrências e comportamento morfossintático desse verbo na obra *Ad Atticum*, de Cícero, representativa do latim clássico. A análise das ocorrências de quaero como verbo pleno ou como verbo principal de uma perífrase será qualitativa, porém uma análise quantitativa simples será utilizada como suporte. A análise desenvolvida neste trabalho será retomada e comparada às demais etapas de análise de dados em próximos trabalhos a fim de se fazer um estudo comparativo com o verbo uolo, na mesma obra. Pretendemos, assim, contribuir para o entendimento da expressão da volição nos verbos latinos e, conseqüentemente, traçar um caminho da expressão da volição no português. Nossa hipótese de trabalho é que, apesar de não haver menções pelos estudiosos sobre o latim, a volição esteve sempre ligada a quaero, culminando na prototipia que se verifica no português hodierno (cf. SOUSA, 2011).

**Palavras-chave:** morfossintaxe, verbos, língua latina

## A variação na concordância verbal de terceira pessoa no Português Moçambicano: um olhar sociolinguístico

Autores: Karen Cristina da Silva <sup>1</sup>

Instituição: <sup>1</sup> UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

**Resumo:** Seguindo os pressupostos teóricos da Teoria da Variação e Mudança questões sobre variação e linguística serão abordadas, com a proposta de estudar o modo como falantes de Português Moçambicano lidam com a alternância das marcas de concordância entre verbo e sujeito de terceira pessoa do plural, a qual pode consistir, consoante Labov (2003), em uma regra variável nesta variedade, pouco explorada até o presente momento. Considerando que a diversidade linguística, fortemente presente em tal região, é um aspecto cultural muito relevante e tem relação direta com a questão educacional, a transmissão da Língua Portuguesa e o prestígio dado a ela é de extrema relevância, visto que, ainda que o Português seja o idioma oficial do país, recenseamentos e estudos já realizados sobre a variedade demonstram que ela coexiste com uma grande quantidade de idiomas nacionais. A metodologia consiste no tratamento computacional, através do programa GoldvarbX, de dados obtidos em um corpus de entrevistas sociolinguísticas, realizadas em Maputo, Moçambique. Os informantes foram distribuídos a partir da faixa etária; do nível de escolaridade e do sexo. Através do controle de variáveis independentes, a partir da interface entre a sintaxe e condicionamentos fonéticos (saliência fônica) e cognitivos (paralelismo), em uma análise quantitativa, pretende-se observar fatores que seriam decisivos para a realização de cada uma das variantes. Resultados preliminares mostram que estes indivíduos reproduzem preferencialmente a concordância verbal considerada padrão, já que o pressuposto modelo de aquisição é o Português Europeu. Ainda assim, similarmente ao que ocorre com outras variedades africanas, pode-se conjecturar a existência de uma regra variável na variedade moçambicana. Além disso, seguindo trabalhos como o de Vieira & Bazenga (2015), os resultados obtidos podem servir de subsídio para o estudo comparado das variedades de Língua Portuguesa e, da mesma forma, contribuir para o debate sobre as origens de cada uma delas.

**Palavras-chave:** sociolinguística, concordância verbal, multilinguismo

## Ainda em construções comparativas: ênfase, reforço e intensidade

Autores: Michel Gustavo Fontes <sup>1,2</sup>

Instituição: <sup>1</sup> UFMS - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, <sup>2</sup> UNESP - Universidade Estadual Paulista

**Resumo:** Partindo de uma visão não-autônoma da sintaxe (BUTLER, 2003), que concebe padrões morfossintáticos como determinados por aspectos semânticos e/ou pragmáticos, este trabalho coloca em discussão o uso de *ainda* em construções comparativas, como em *a viagem foi mais longa ainda do que se pensava* ou *vou investir mais ainda em educação*. Segundo Neves (2002), trata-se de um mecanismo de valorização da relação comparativa. Para Silva (2014), é um caso de reforço ou graduação/intensificação de grau. Assim, com base na ideia de que *ainda* corresponde a uma estratégia de reforço e/ou de amplificação da graduação estabelecida pelos marcadores de contraste *mais* ou *menos*, este trabalho busca descrever, à luz dos princípios teórico-metodológicos da Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), as propriedades funcionais e formais de *ainda* nas construções comparativas. Especificamente, atenta-se para a ordem assumida por *ainda* nesse tipo de construção, já que tal item pode alocar-se ao final do sintagma comparativo, como nos exemplos anteriores, ou pode posicionar-se à esquerda da palavra de grau, como em *a viagem foi ainda mais longa do que se pensava* ou *vou investir ainda mais em educação*. Essa dupla via de codificação de *ainda* em construções comparativas alinha-se a dois aspectos discursivos envolvidos em sua formulação, isto é, as distintas posições de *ainda* no interior do sintagma comparativo refletem as diferentes relações de escopo contraídas por ele no Nível Interpessoal, enquanto operador de ênfase, e, além disso, revelam a veiculação de dois distintos significados enfáticos: *ênfase para foco* e *ênfase para intensidade* (cf. KOHLER, 2006). Como material de análise, recorre-se a dados extraídos do *Cópus do Português* (DAVIES; FERREIRA, 2006).

**Palavras-chave:** ainda, comparativas, ênfase, ordem

## Algumas propriedades das construções causais com porque e por+infinitivo no português clássico

Autores: Mayra França Floret <sup>1</sup>

Instituição: <sup>1</sup> UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

**Resumo:** Nosso trabalho se insere em uma pesquisa mais ampla que focaliza dois tipos de construções causais: as orações complexas de causa com os conectores porque e por+infinitivo em duas sincronias do português: o período clássico e o período moderno/contemporâneo. O objetivo da pesquisa é verificar se há mudanças nas propriedades dessas construções causais no período que separa as duas sincronias. Adotamos na análise do fenômeno uma perspectiva teórica funcionalista, de acordo com a qual o sistema linguístico não é autônomo e independente do uso que os usuários fazem da língua. Nossa hipótese é de que há estabilidade na forma de organização das construções causais constituídas por porque e por+infinitivo. Nesta comunicação, nos detemos no período clássico (séculos XVII e XVIII) e discutimos as diferenças entre os dois tipos de construções causais de acordo com as seguintes propriedades: o domínio em que opera a relação de causalidade (conteúdo, epistêmico ou atos de fala), a posição da oração introduzida por porque ou por + infinitivo em relação à oração nuclear e o estatuto da informação que ela introduz. No que se refere ao domínio da causalidade, a análise mostra que as orações causais com porque e por+infinitivo codificam, principalmente, relação causal no domínio do conteúdo (ou referencial), ou seja, a junção da oração causal com a oração efeito explicita a causalidade de eventos do mundo real. No que diz respeito à posição, o período causal assume uma ordem não marcada, em que a oração causal aparece, normalmente, posposta à oração núcleo. Além disso, tanto as orações causais quanto as orações núcleo codificam, predominantemente, informação nova.

**Palavras-chave:** oração causal, porque, por+infinitivo

## Análise sociolinguística da colocação pronominal nas variedades urbanas europeia, brasileira e são-tomense

Autores: Maria de Fatima Vieira <sup>1</sup>

Instituição: <sup>1</sup> UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

**Resumo:** O presente trabalho utiliza dados do Português Europeu (PE), do Português Brasileiro (PB) e do Português de São Tomé (PST) para verificar a ordem dos clíticos pronominais na modalidade oral da Língua Portuguesa. O trabalho baseia-se na Sociolinguística Variacionista (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968); no tratamento dado à colocação pronominal e aos tipos de complexos verbais das gramaticais e de trabalhos anteriores; e nas questões sobre contato linguístico. O corpus pertence ao banco de dados do projeto “Estudo comparado dos padrões de concordância em variedades africanas, brasileiras e europeias”. Todos os dados são de variedades urbanas do início do século XXI e podem ocupar, em relação às lexias verbais simples, as posições: proclítica (Não se vive), enclítica (Vive-se) ou mesoclítica (Viver-se-á). Nos complexos verbais, os dados poderão aparecer antes do complexo verbal (Não se pode viver), no interior, em ênclise a v1 ou em próclise a v2 (Pode(-)se viver / Pode-se sempre viver / Pode sempre se viver) ou depois (Pode viver-se). Determinam-se as variáveis linguísticas e extralinguísticas importantes, em caso de regra variável, com o auxílio computacional do GOLDFARB-X. Assim, foi possível, verificar que, no PB, a regra é semicategórica – variante pré-verbal/próclise a v2. No PE e no PST, há ênclise categórica em início absoluto de oração. Nos demais contextos, há variação nessas duas variedades, com preferência pela próclise em contextos com atratores; no PST, essa preferência ocorre em meio a maior oscilação nos mesmos contextos sintáticos – típico de uma língua em situação de intenso contato linguístico. Nos complexos verbais, a colocação pronominal no PE e no PST é sensível à forma do verbo principal: com gerúndio e particípio, ocorre a próclise ou a ênclise a v1; com infinitivo, há variação sensível ao tipo de complexo, ao tipo de clítico e ao elemento antecedente ao complexo.

**Palavras-chave:** colocação pronominal, sociolinguística, variedades do português

## As cláusulas relativas na fala espontânea do português do Brasil: Um estudo sintático-semântico baseado em corpus

Autores: Crysna Bonjardim da Silva Carmo <sup>1,5</sup>, Heliana Ribeiro Mello <sup>1,3,4</sup>

Instituição: <sup>1</sup> UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais , <sup>2</sup> UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais , <sup>3</sup> CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, <sup>4</sup> FAPEMIG - Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais , <sup>5</sup> UNEB - Univeridade do Estado da Bahia

**Resumo:** O presente estudo investiga a relativização clausal na fala espontânea do português do Brasil. Para tanto, além da estruturação sintática e do domínio da restrição estabelecido pela cláusula relativa, considera em primeiro plano a estrutura informacional do enunciado, sendo este definido como a menor unidade pragmaticamente autônoma no fluxo da fala, delimitado por uma quebra prosódica percebida como terminal. Esta comunicação objetiva: (i) descrever as cláusulas relativas na fala espontânea do PB; (ii) estabelecer uma distinção semântico-cognitiva entre cláusulas relativas restritivas e não-restritivas, tendo em vista a presença de mecanismos linguísticos presentes na sintaxe do enunciado; (iii) propor uma definição para a relativização clausal que se fundamente na informação prosódica. Pelo seu caráter empírico, a metodologia deste estudo advém dos princípios que orientam a Linguística de Corpus (MELLO, 2014). Nesses termos, os dados sob escrutínio são oriundos do minicorpus do C-ORAL-BRASIL (RASO & MELLO, 2012) – um corpus de fala espontânea informal da diatopia mineira que, etiquetado informacionalmente, se encontra disponibilizado na plataforma DB – IPIC (PANUNZI & GREGORI, 2011). O arcabouço teórico que sustenta esta pesquisa vem dos postulados da Teoria da Língua em Ato (CRESTI, 2000), do Domínio de relativização (KEENAN & COMRIE, 1977), e do conceito de Grounding (LANGACKER, 1987). Os resultados demonstram que a restrição estabelecida pelas cláusulas relativas é desencadeada por estratégias linguísticas consequentes da sintaxe do enunciado, tais como a pressuposição de existência e a presença de quantificadores, os quais estabelecem no nível inferencial um domínio-escopo a partir do qual as condições de verdade das cláusulas relativas podem ser verificadas. Diante disso, propomos que apenas as cláusulas relativas restritivas sejam consideradas instâncias de relativização.

**Palavras-chave:** cláusulas relativas na fala espontânea, teoria da língua em ato, linguística de corpus, linguística cognitiva

## As orações correlatas em títulos de notícias veiculadas no meio digital

Autores: Priscilla Gevigi de Andrade Majoni <sup>2</sup>

Instituição: <sup>2</sup> UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro, <sup>3</sup> UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

**Resumo:** A proposta deste trabalho é descrever e analisar vinte 10 exemplos de orações correlatas em títulos de notícias de jornais e revistas veiculados na internet e, posteriormente, compará-los a outros 10 títulos sem esse fenômeno, totalizando um corpus com 20 títulos. Em diversos estudos, retrata-se que a correlação é bastante frequente em textos da tipologia argumentativa, no entanto, os pares correlatos mostraram-se também frequentes em textos da tipologia expositiva, como em títulos de notícias de jornais e revistas. Por essa razão, tornou-se interessante investigar a correlação nesses gêneros textuais. Os dados do corpus foram retirados de títulos de notícias veiculadas na internet escolhidas aleatoriamente. Em seguida, a fim de descrevê-los e analisá-los, foram utilizados os seguintes critérios: 1) mobilidade da oração; 2) contexto/tema da notícia; 3) elipse verbal na segunda oração; 4) tipo de oração correlata; 5) tipo de par correlato; 6) formato do título; 7) tipo de comparação nas correlatas comparativas. Nossos pressupostos teóricos associam a abordagem tradicional pré e pós Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) para delimitar a correlação como procedimento sintático, e o Funcionalismo, tendo em vista que os dados analisados representam a língua em uso. Como resultados, observa-se a presença marcante e de suma importância da correlação também na tipologia expositiva. Em relação à descrição gramatical, as orações mais frequentes foram as comparativas, que não apresentaram mobilidade no período em que se inseriam, sendo os articuladores “mais do que” (relação de igualdade) e “menos do que” (relação de inferioridade) os mais usados, além da frequente elipse verbal na segunda oração. Quanto à comparação entre títulos com correlação e sem correlação, percebeu-se que os casos de correlação auxiliam na transmissão de informação de maneira mais enfática e completa, como se o título fosse a tese a ser defendida no texto.

**Palavras-chave:** correlação, funcionalismo, língua em uso

## Cláusulas de finalidade e argumentação: uma proposta de interface gramática e interação

Autores: Amitza Torres Vieira <sup>1</sup>

Instituição: <sup>1</sup> UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora

**Resumo:** O objetivo deste estudo é investigar o papel das cláusulas de finalidade na fala argumentativa dos participantes em Audiências no Juizado Especial Criminal de uma cidade da Zona da Mata de Minas Gerais. A proposta de trabalho entrelaça a vertente Funcionalista à perspectiva da Sociolinguística Interacional, no intuito de examinar a interface gramática e interação. Teoricamente, são empregadas ferramentas do discurso, tendo na análise sequencial da argumentação nos turnos de fala sua ferramenta principal de trabalho. A essa perspectiva alia-se a abordagem da sintaxe funcionalista na identificação e descrição do uso de cláusulas de finalidade (DIAS e VIEIRA, 2008; DIAS, 2010) na fala dos participantes das audiências investigadas. Na análise argumentativa, são utilizados os componentes da argumentação propostos por Schiffrin (1987): posição, disputa e sustentação. A pesquisa é de natureza qualitativa e interpretativa e utiliza dados de fala reais como base para o estudo. Os resultados parciais da pesquisa mostram que as cláusulas de finalidade ocorrem na sustentação das posições dos participantes. Como essas cláusulas são utilizadas para descrever a execução de objetivos dos participantes ou de outros indivíduos, são preferencialmente inseridas em narrativas, pois através da narração de eventos podem ser relatados fatos que realcem intenções ou metas dos protagonistas. Assim, na argumentação dos participantes das audiências investigadas, as cláusulas de finalidade estariam contribuindo para a evidência das provas, seja por meio de exemplos seja por meio de testemunhos.

**Palavras-chave:** argumentação, cláusulas de finalidade, gramática e interação

## Conectores condicionais e os parâmetros de condicionalidade

Autores: Taisa Peres Oliveira <sup>1</sup>

Instituição: <sup>1</sup> UFMS - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

**Resumo:** Dancygier (1998) afirma que o significado condicional é concebido como resultado da convencionalização da relação entre estrutura linguística e sua interpretação semântico-pragmática. Neste direcionamento, concebe-se a condicionalidade como uma categoria, estruturada a partir de um conjunto de

propriedades definidoras observadas no esquema condicional mais básico. Essas propriedades são concebidas como parâmetros da condicionalidade: a) a causalidade; b) não assertividade; c) predição; distância epistêmica; espaços mentais. Como consequência dessa proposta, assume-se que as construções condicionais podem ter seu significado interpretado a partir da interação de tais parâmetros, chegando ao estabelecimento de uma zona de condicionalidade, o que possibilita a coexistência de elementos de natureza formal e de significações distintas. Partindo deste referencial, o objetivo principal deste trabalho é analisar a expressão da condicionalidade em orações introduzidas por conectores condicionais complexos. Pretende-se verificar de que modo esses conectores contribuem com o significado condicional. Assim, mais especificamente, será possível explicar os efeitos que a acomodação de elementos com complexidade formal e semântico-pragmática tão diferenciadas tem no significado condicional. Neste sentido, este trabalho toma como objeto de descrição as orações e conjunções condicionais no português, coletadas no banco de dados online [www.corpusdoportugues.org](http://www.corpusdoportugues.org). As bases deste trabalho estão assentadas em princípios funcionalistas, partindo do pressuposto de que as categorias não podem ser definidas em termos precisos, mas abrigam elementos com diferentes graus de determinação categorial (Bybee, 2010). A partir daí, analisam-se os traços da condicionalidade que permitem identificar os tipos de condicional para então associa-los aos tipos de conectores usados na construção do significado condicional.

**Palavras-chave:** parâmetros de condicionalidade, conectores condicionais, funcionalismo

## Estruturas de deslocamento à esquerda de sujeito e de sujeito-predicado na fala culta carioca

Autores: Simone Márcia da Silva <sup>1,1</sup>, Caroline Mori Ferreira <sup>2</sup>

Instituição: <sup>1</sup> UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro, <sup>2</sup> UFF - Universidade Federal Fluminense

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo investigar a referencialidade do SN que ocupa a posição de tópico nas construções de deslocamento à esquerda de sujeito (duplo sujeito), exemplificada em (1) Essas descobertas, elas nascem dentro do botequim, e de sujeito nas de sujeito – predicado, exemplificada em (2) Essas descobertas nascem dentro do botequim, na fala culta carioca. Assim, deseja-se averiguar como este fator, de natureza semântico-discursiva, se comporta nas estruturas em confronto, com base no gênero e na faixa-etária dos informantes. Para tal, a pesquisa segue os pressupostos da Teoria da Variação e Mudança (Weinreich, Labov e Herzog [2006(1968)]) e se desenvolve em conformidade com a metodologia da Sociolinguística Laboviana (Labov 1972 e 1994). Trata-se de um estudo em tempo aparente, utilizando-se o acervo sonoro do projeto NURC (Projeto Norma Linguística Urbana Culta – Rio de Janeiro), gravado na década de 90. Foram ouvidos 6 informantes, sendo um homem e uma mulher de cada uma das três faixas etárias. Considerando que as construções de sujeito-predicado são mais frequentes que as de deslocamento à esquerda de sujeito, a coleta dos dados foi feita da seguinte forma: de cada um dos informantes, foram coletados 30 dados de deslocamento à esquerda de sujeito, totalizando 180 ocorrências. Para cada estrutura de deslocamento à esquerda de sujeito coletada, foram consideradas as 10 orações que a antecederam e a sucederam, constituindo-se, assim, um corpus com as variantes aqui focalizadas. Resultados preliminares apontam que as construções de deslocamento à esquerda de sujeito apresentam referentes [+ ou – animados], bem como [+ ou – específicos], ambos retomados pelo pronome nominativo de terceira pessoa na posição de sujeito.

**Palavras-chave:** sintaxe, variação linguística, deslocamento à esquerda

## Eu experimentei e decidi. E você? Construções aditivas em anúncios publicitários: uma análise funcional

Autores: Suelen Nunes Maia <sup>1</sup>

Instituição: <sup>1</sup> UFF - Universidade Federal Fluminense

**Resumo:** Neste trabalho, que tem as construções aditivas como seu objeto, analisamos como a noção semântica da adição é concretizada, tanto na coordenação quanto na correlação, no ambiente discursivo dos anúncios publicitários. Confrontamos também a frequência das construções aditivas coordenativas e correlativas, na tentativa de investigar tendências de uso, não só entre os dois modelos de estruturação sintática em análise, mas também com relação ao gênero textual em questão. Optamos por trabalhar com as construções aditivas correlativas devido ao fato de a correlação ainda não ser aceita pela tradição gramatical como processo sintático distinto da coordenação e da subordinação, sendo considerada ora um subtipo da subordinação, ora um subtipo da coordenação ou não ser sequer citada. Assim, pretendemos demonstrar as especificidades das construções correlatas, em que uma sentença estabelece uma relação

de interdependência com a outra no nível estrutural, provando a distinção entre a correlação e os outros processos de estruturação sintática. Uma vez que os estudos sobre as construções correlatas carecem de aprofundadas pesquisas, consideramos que esta análise constitui uma contribuição para o avanço dos estudos nesse campo da sintaxe. A análise do corpus, com relação à construção discursiva, baseou-se nos pressupostos teóricos da Linguística Sistemico-Funcional (LSF), que parte do princípio de que a língua deve ser estudada em seu uso, inserida em seus contextos situacionais e culturais. Com relação às construções aditivas, nossos principais suportes teóricos foram principalmente, os trabalhos de Oiticica (1942 e 1952) e Rodrigues (2007 e 2001). A análise dos dados comprovou nossa hipótese de que a predominância de ocorrências é de construções coordenadas, devido à finalidade e à linguagem características do discurso propagandístico.

**Palavras-chave:** anúncios publicitários, construções aditivas, funcionalismo

## O "desgarramento" das cláusulas completivas

Autores: Violeta Virginia Rodrigues <sup>1</sup>

Instituição: <sup>1</sup> UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

**Resumo:** Decat (2011, p. 42) afirma que as orações completivas só se desgarram quando formam uma sequenciação parafrástica, reiterando ou repetindo estruturas sintáticas que ocorreram antes na cadeia discursiva, contribuindo para enfatizá-las e visando a objetivos comunicativo-interacionais. Em “Não sei [onde você mora]. [Onde você quer ir.]”, a primeira oração introduzida por ONDE é argumento do verbo “saber” assim como a segunda. Contudo, esta se separa da anterior por ponto final, ou seja, se encontra desgarrada desta, contribuindo para enfatizá-la. Em “Que as nossas palavras, nossos gestos e nossas ações, façam a diferença na vida das pessoas. Porque a vida só tem sentido se for realmente para fazer o bem”, chamou atenção “Que as nossas palavras, nossos gestos e nossas ações, façam a diferença na vida das pessoas.” Segundo Góis (1943, p 65-66), esta oração denomina-se, quanto ao sentido, optativa, exprimindo votos, tendo verbo no subjuntivo, vindo regida de conjunção expletiva “que”, permitindo a elipse do verbo “desejar”. Parafraseando tal estrutura segundo Góis (1943), teríamos “Gostaria que nossas palavras (...) pessoas”. Levando-se em conta a elipse destes verbos, a noção de gramaticalização e a frequência de uso dessas estruturas, podemos postular que é um caso de desgarramento de completiva diferente do apresentado por Decat (2011). Assim, pretendemos complementar a descrição das completivas desgarradas de Decat (2011), utilizando postagens coletadas do Facebook de julho a dezembro de 2016 como corpus e adotando o Funcionalismo como teoria. Além de Decat (2011), Chafe (1980), Dik (1997), Rodrigues (2011), Silvestre e Rodrigues (2014), sobre desgarramento, utilizaremos estudos de Ford (1980), Tenani (2008), Soncin e Tenani (2015) sobre pontuação. Até o momento, foram encontradas 92 cláusulas desgarradas, destas 70 são completivas, 20 circunstanciais e 2 relativas, sendo que estas completivas não são as previstas por Decat (2011).

**Palavras-chave:** funcionalismo, desgarramento, completivas

## O desgarramento de cláusulas introduzidas por para e a interface sintaxe-prosódia

Autores: Rachel de Carvalho Pinto Escobar Silvestre <sup>1</sup>

Instituição: <sup>1</sup> UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

**Resumo:** Este trabalho tem o objetivo de descrever o desgarramento em cláusulas hipotáticas, introduzidas por para ou pra, inspiradas na amostra Roteiro de Cinema (<http://www.roteirodecinema.com.br/>). O desgarramento, postulado por Decat (1999), é um fenômeno no qual estruturas adverbiais podem ocorrer como um enunciado independente, ou seja, sem vínculo com uma principal. O aparato teórico-metodológico utilizado na análise é o da teoria Funcionalista aliado ao da Fonética Acústica Experimental. Foram feitas gravações de fala atuada de nove cláusulas desgarradas prototípicas (Para ver se eles têm alguma doença grave.), e suas respectivas desenvolvidas (E aí a nossa equipe médica faz um check-up geral para ver se eles têm alguma doença grave.) e desgarradas não prototípicas (E aí a nossa equipe médica faz um check-up geral. Para ver se eles têm alguma doença grave.), por três falantes cariocas, do gênero feminino, todas estudantes de pós-graduação em Letras (UFRJ). A análise prosódica contempla a observação da ocorrência e da duração da pausa silenciosa entre as cláusulas e a verificação do movimento melódico final típico de cada estrutura. Os programas Sound Forge (versão 7.0) e Praat 4.3.12 (BOERSMA & WEENINK, 2011) foram utilizados para edição e análise acústica dos dados. Os resultados preliminares apontam que a pausa frequentemente antecede as cláusulas desgarradas finais não prototípicas (77%). No que tange à entoação, as desgarradas finais não prototípicas e as cláusulas hipotáticas finais apresentam curva

descendente na maioria dos dados (91,6 %), ao passo que, nas desgarradas prototípicas, a curva é predominantemente ascendente (78%).

**Palavras-chave:** cláusulas com para, desgarramento, prosódia

## O dito cujo: o uso do pronome relativo "cujo" nas redes sociais como marca simultânea da busca por inclusão social através de um uso linguístico monitorado e de prevalência do manejo popular da transposição

Autores: Lucia Deborah Ramos de Araujo <sup>1,2,3</sup>, André Nemi Conforte <sup>1</sup>

Instituição: <sup>1</sup> UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, <sup>2</sup> CP2 - COLEGIO PEDRO II, <sup>3</sup> SELEPROT - grupo de pesquisa em leitura e produção de texto

**Resumo:** O uso dos pronomes relativos na língua cotidiana chama atenção por reduzir-se a praticamente um tipo, o chamado relativo universal (pronome "que"). No entanto, mesmo no ambiente virtual das redes sociais, onde os usuários da língua têm liberdade para expressar seu pensamento e onde o monitoramento é significativamente mais baixo, temos encontrado grande ocorrência do pronome "cujo". Considerado por muitos como índice de alto domínio dos mecanismos linguísticos de coesão, restrito a um seletivo grupo, caracterizado pelo alto grau de escolarização, o "cujo" chega a ser visto como um recurso quase que exclusivo da escrita formal. Como compreender que o ambiente muitas vezes descontraído das redes sociais registre tal uso, em contextos pouco ou nada formais? Levamos em conta que o ambiente de interação se caracteriza pela escrita. Trabalhamos com a hipótese de que o usuário comum compreende a marcação social do uso do pronome "cujo" e busca, através do recrutamento desse recurso, demarcar sua inserção no grupo de usuários da língua que compreendem/manejam adequadamente o uso desse pronome e conferir ao seu discurso poder de convencimento, ainda que em prejuízo da coerência global e do próprio mecanismo de transposição, pela quebra de referenciação. Construímos um corpus de postagens originais em redes sociais e, para amparar nossos estudos, usamos os pressupostos teóricos da transposição sintática de TÉSNIÈRE os estudos sobre coesão textual de KOCH e de GARCIA, as considerações sobre sintaxe das adjetivas desenvolvidas por AZEREDO e os estudos sobre identidade e linguagem de RAJAGOPALAN, confrontando os estudos de BAGNO. Analisando-se a aplicação do pronome "cujo" dentro e fora do contexto de transposição, confrontando-se os elementos cotextuais nos níveis morfológico e sintático, de modo a apurar a congruência do uso desse pronome com as demais escolhas sintáticas e discursivas dos falantes, pretende-se comprovar a hipótese apresentada.

**Palavras-chave:** sintaxe, transposição, pronomes relativos, cujo, língua portuguesa

## O ensino de regência verbal: norma e variação

Autores: Elisa da Silva de Almeida <sup>1</sup>

Instituição: <sup>1</sup> UFF - Universidade Federal Fluminense, <sup>2</sup> SEEDUC - Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro

**Resumo:** O presente trabalho propõe uma reflexão acerca do ensino da Regência Verbal nas salas de aula. A linha teórica adotada é a Sociolinguística, para a qual a variação e a mudança são inerentes às línguas, como um fenômeno cultural provocado por elementos linguísticos e extralinguísticos. Apoiados nos princípios de Labov (2008) e outros pesquisadores, analisamos amostras dos verbos *ir* e *chegar* em produções textuais produzidas durante as aulas de Língua Portuguesa de alunos da 3ª série da educação básica de colégios públicos e particulares do município do Rio de Janeiro, com a finalidade de observar se encontraríamos apenas o uso regencial padrão, preconizado pela gramática tradicional, ou se também nos depararíamos com usos coloquiais. Verificamos que, em relação ao fato linguístico investigado, em todos os colégios pesquisados, o uso padrão apresentou-se em maior frequência com o verbo *ir*; já com o verbo *chegar*, o maior número de ocorrências se deu com o uso não padrão. Foram então testados, no *corpus* do trabalho, fatores extralinguísticos postulados por Mollica (1996) e Wiedemer (2008), os quais demonstraram que existem motivações para o uso de uma ou outra preposição. Ademais, observamos o tratamento dado ao assunto *Regência Verbal* em alguns livros didáticos atuais do ensino médio, uma vez que o livro didático é um instrumento constante nas salas de aula, muitas vezes utilizado como única fonte de material pedagógico para o aluno.

**Palavras-chave:** ensino de língua, regência verbal, variação linguística

## O tratamento da variação sintática no livro didático

Autores: Edila Vianna da Silva <sup>1,1</sup>, Gabriela Barreto de Oliveira <sup>1,1</sup>

Instituição: <sup>1</sup> UFF - Universidade Federal Fluminense, <sup>2</sup> UFF - Universidade Federal Fluminense

**Resumo:** Objetiva-se neste trabalho verificar se o ensino de português em escolas do estado do Rio de Janeiro repercute os resultados da pesquisa sociolinguística na área da sintaxe. Grande parte dos professores, pelo menos os dos grandes centros, está ciente dos avanços dos estudos sociolinguísticos e da necessidade de se desenvolverem trabalhos que ampliem a competência linguística dos alunos, conforme preconizam os PCNs. Depara-se, no entanto, com obstáculos de ordem metodológica e com a falta de apoio de materiais didáticos adequados. Considerando-se que o livro didático, na maioria das vezes, é o único material com que contam os professores, constituiu-se um corpus com as quatro coleções de Língua Portuguesa de preferência dos docentes do ensino fundamental (de acordo com o Programa Nacional do Livro Didático/ 2014), para que se pudesse verificar se levavam em consideração os resultados dos estudos sociolinguísticos sobre fatos sintáticos do português do Brasil. Inicialmente, foi apresentado um panorama dos estudos sobre os temas analisados (o uso dos clíticos em função acusativa e dativa, emprego de nós e a gente, o uso da passiva sintética, estruturas relativas) seguido de comentário crítico da sua abordagem nos manuais selecionados. Desta forma pretendeu-se observar o papel do livro didático em relação à variação linguística e refletir sobre as consequências dos procedimentos sugeridos para o desenvolvimento linguístico do aluno. Foi verificado que os comentários restringem-se, na maioria das vezes, à identificação das variedades sintáticas empregadas sem que se discorra sobre a adequação do seu emprego. A análise comprovou, dessa forma, que a repercussão de pesquisas sociolinguísticas nos manuais didáticos ainda está longe do que se possa considerar adequado.

**Palavras-chave:** variação linguística e ensino, sintaxe, livro didático

## O uso das estratégias de relativização na escrita do jornal O Globo

Autores: Juliana da Costa Santos <sup>1</sup>

Instituição: <sup>1</sup> UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

**Resumo:** O trabalho, vinculado à Teoria da Variação e Mudança, analisa o estatuto da regra referente às estratégias de relativização em textos escritos do Jornal O Globo, a fim de identificar e descrever os fatores que favorecem e restringem a realização da variante padrão (o livro de que eu preciso) e das não padrão cortadora (o livro que eu preciso) e copiadora (o livro que eu preciso dele). A pesquisa conta com um corpus composto por 165 textos de diversos gêneros textuais publicados no Jornal O Globo durante o período de janeiro a outubro de 2012. Além disso, realiza um estudo comparativo das estratégias de relativização na fala e escrita cultas brasileiras, com base em resultados de outras pesquisas, a fim de observar o comportamento do fenômeno em diferentes modalidades da língua. Por fim, a investigação descreve os juízos de valor do revisor/jornalista do Jornal O Globo, na coluna Autocrítica, para observar a influência da avaliação subjetiva das variantes pelo usuário da língua no fenômeno em estudo. Dentre os principais resultados da pesquisa, observou-se que, na escrita culta do PB, os dados do grupo das preposicionadas apresentaram o uso semicategórico da variante padrão, porque, apenas em contextos específicos – apenas nos anúncios – a variante cortadora foi raramente registrada. Em relação à fala culta brasileira, verificou-se que a variante preferencial é a cortadora e que o fenômeno se realiza, em alguns corpora, ora como regra variável (cf. TARALLO, 1983; CORRÊA, 1998 e VALE, 2014), ora semicategórica (cf. PEREIRA, 2014). Finalmente, em relação à avaliação subjetiva das variantes, os resultados evidenciaram que a variante padrão constitui um estereótipo linguístico positivo, enquanto as variantes não padrão cortadora e copiadora são estereotipadas negativamente pelo revisor/jornalista.

**Palavras-chave:** estratégia de relativização, texto jornalístico, variação linguística, sociolinguística laboviana

## O uso pronominal de "a gente" em um corpus dialetal digital anotado do português europeu (PE)

Autores: Josany Maria de Jesus Silva <sup>2,1</sup>, Sirlene Freire dos Santos Pereira <sup>1,1</sup>

Instituição: <sup>1</sup> UESB - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - V. da Conquista, <sup>2</sup> UESB - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - V. da Conquista

**Resumo:** A variação ocorrida entre as formas “nós” e “a gente”, referindo-se à 1ª pessoa do plural, consiste em uma alternância presente em diferentes variedades do português brasileiro e do português europeu. De

acordo com Lopes (2002), no percurso histórico da mudança categorial do substantivo “gente” para o pronome “a gente”, o processo de gramaticalização de “a gente” foi lento e gradual, visto que as suas primeiras ocorrências, apesar de terem se dado no século XIII, somente no século XVIII configurou-se o “a gente” como forma pronominal propriamente dita. De acordo com Callou, Barbosa e Lopes (2006, p. 281) o período histórico que marca a gramaticalização de “a gente” é o mesmo no Brasil e em Portugal, porém, este, ainda apresenta um comportamento mais conservador em relação ao uso da nova forma pronominal. Em contraposição, o termo “a gente” concordando com P4 é registrado no português europeu padrão, enquanto aqui no Brasil esta concordância ainda é estigmatizada pelos falantes cultos. Naro e Sherre (2007, p. 180), por sua vez, não encontraram em documentos de Portugal o uso de P3 em contextos de P4, a exemplo de “Nós vai”, salientando a preferência dos dialetos portugueses por “nós. Partindo destas considerações, neste trabalho, relacionado à pesquisa de mestrado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLIN) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), orientado por Cristiane Namiuti (UESB), objetivamos descrever o uso de “a gente” como forma pronominal em um corpus dialetal digital anotado - o CordialSin (Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe) (Martins et al., 1999) utilizando a ferramenta de busca automática Corpus Search (Randall; Taylor; Kroch, 2009).

**Palavras-chave:** português europeu, sintaxe, sistema pronominal

## Reconhecimento dos padrões de transitividade de processos materiais em contextos discursivos específicos

Autores: Gesieny Laurett Neves Damasceno <sup>1</sup>

Instituição: <sup>1</sup> UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

**Resumo:** Na perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional, os papéis principais do sistema de transitividade fornecem o quadro de referência para que a experiência da realidade seja interpretada. Pautado nessa concepção, o presente trabalho objetiva descrever o modo como os componentes do sistema de transitividade são articulados em textos pertencentes ao gênero notícia jornalística e a relação que as codificações encontradas estabelecem com os propósitos sociocomunicativos desse gênero discursivo. Como aporte descritivo-metodológico, elegemos oito parâmetros descritivos, que visaram a abarcar tanto as propriedades léxico-gramaticais dos elementos envolvidos na transitividade, como as propriedades pragmáticas e discursivas que atuam nas escolhas efetuadas pelos usuários da língua. Como exemplos desses parâmetros, citam-se: caracterização dos processos transitivos e intransitivos, formas de expressão do significado, objetivos pragmático-discursivos das configurações clausais e expansão dos processos materiais. O corpus analisado constitui-se de 31 notícias jornalísticas, e o recorte da pesquisa compreende 131 cláusulas construídas em torno de processos do tipo material. Para o reconhecimento dos padrões de transitividade das notícias jornalísticas e a estimativa das correlações entre os parâmetros arrolados, utilizamos como ferramenta os Mapas Auto-Organizáveis (do inglês, Self-organizing Maps – SOM), que se constituem em um modelo de inteligência artificial. Por meio desse recurso estatístico, foi possível identificar quinze importantes padrões linguísticos, que descrevem e sintetizam as escolhas efetuadas no âmbito do sistema de transitividade e os significados construídos nas notícias jornalísticas a partir dos arranjos codificados. Além disso, o estabelecimento da correlação entre as classes dos parâmetros analisados permitiu entrever, por exemplo, a relação existente entre as expressões metafóricas do significado e a ocultação do real agente da ação verbal.

**Palavras-chave:** linguística sistêmico-funcional, transitividade, inteligência artificial

## The (Headless) Relative in the Question: double ser-que Interrogatives in Brazilian Portuguese

Autores: Simone Harmath-de Lemos <sup>1</sup>

Instituição: <sup>1</sup> Cornell - Cornell University

**Resumo:** The present work proposes an analysis for the double ser-que fronted-wh interrogatives of Brazilian Portuguese, exemplified in (1)-(8). The analysis accounts for the four combinations of ser-que that yield grammatical interrogative structures, (1)-(4), while accurately ruling out the remaining four combinations that yield ungrammatical interrogatives, as in (5)-(8) (see Miotto & Figueiredo Silva (1995) and Lopes-Rossi (1996)). (1) O que é que você viu neste cara? (2) O que que é que você viu neste cara? (3) O que é que foi que você viu neste cara? (4) O que que foi que você viu neste cara? (5) \*O que foi que é que você viu neste cara? (6) \*O que foi que foi que você viu neste cara? (7) \*O que é que que você viu neste cara? (8) \*O que que que você viu neste cara? The study is innovative in as much as it uses non-constructed data collected from Twitter and Google Search Engine to illustrate the issues discussed in the process of

delineating a derivation for these double ser-que interrogatives. With these data in hand, I show that: (i) specificational clefts as (11), wh-é-que interrogatives (9), and wh-que interrogatives (10) are derivationally related structures; (ii) the 'que' in wh-é-que, and in wh-que interrogatives introduces a headless relative clause; (iii) ser in presentational clefts behaves differently from ser in specificational clefts. I conclude by showing that these three factors combined can be used to sketch a derivation that, again, accounts for forms (1)-(4), while correctly ruling out (5)-(8). (9) Quem é que a Maria beijou? (10) Quem que a Maria beijou? (11) Foi a Maria que o João beijou.

**Palavras-chave:** fronted wh-interrogatives, specificational clefts, presentational clefts, double ser-que interrogatives

## Vai que: uma proposta de análise

Autores: Barbara Bremenkamp Brum <sup>1,1</sup>, Nilza Barrozo Dias <sup>1,1</sup>

Instituição: <sup>1</sup> UFF - Universidade Federal Fluminense

**Resumo:** Os processos sintáticos que envolvem a articulação de orações têm sido foco de análises diversas, uma vez que a proposta da Gramática Tradicional para a classificação de orações não dá conta de diversos casos encontrados na língua em uso. O presente estudo objetiva investigar a expressão “vai que”, que tem se mostrado muito recorrente em corpus de fala e também em diversos gêneros textuais, como propagandas. Para tanto, partimos de uma breve análise de algumas gramáticas de cunho tradicional para estabelecer algumas diferenças e evidenciar questões que muitas vezes surgem em suas propostas. Com a finalidade de refletir sobre novos caminhos que permitam a análise dos processos sintáticos de articulação de orações, buscamos no Funcionalismo Linguístico as propostas de Lehmann (1988) e Hopper & Traugott (1993), que acreditam que esses processos sintáticos devem ser vistos num continuum. Para a realização do presente estudo, foram coletados exemplos de banco de dados de fala do corpus PortVix e também do Porus. Além destes, foram também selecionadas propagandas do Bradesco que continham a expressão “vai que” em uma campanha publicitária do banco. Em nossa investigação, foram encontrados casos do “vai que” funcionando como (i) marcador discursivo (ii) conector e (iii) em posição inicial sem a oração principal, o que demonstra as muitas facetas que essa expressão pode adquirir no uso da língua.

**Palavras-chave:** articulação de orações, orações condicionais, funcionalismo

Caderno de resumos do X Congresso Internacional da ABRALIN – Pesquisa linguística e compromisso político. / Organizadores: Anabel Medeiros de Azerêdo; Beatriz dos Santos Feres; Patrícia Ferreira Neves Ribeiro; Roberta Viegas Noronha; Silmara Dela Silva. Niterói: UFF, 2017.  
Disponível em: <<http://abralin.org/congresso2017/programacao-1?prog=simposios>>.